

FUSHI E IMORTALIDADE: UM ESTUDO DE DIFERENÇAS

Rodrigo Moura Lima Aragão
Universidade de São Paulo
aragao_rodriogo@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho teve como objetivo identificar e discutir possíveis diferenças entre o conto japonês *Fushi*, de Yasunari Kawabata (1968b; 1970), e sua tradução para a língua portuguesa *Imortalidade*, de Meiko Shimon (2008b). Para tanto, procedeu-se, primeiro, a um estudo detalhado do original japonês. Depois, com base nesse estudo, e tendo como referência geral a Filologia e a Crítica Textual, elaborou-se uma tradução bruta e conservadora de *Fushi*, a qual se chamou aqui de *tradução de apoio*. Em seguida, realizou-se o contraste entre o original japonês e a tradução publicada, tendo-se como intermediária desse processo a tradução desenvolvida. Como resultado, foram identificadas diferenças relacionadas a aspectos diversos dos textos, como, por exemplo, ao léxico e às expressões de respeito japonesas. Por último, essas diferenças foram discutidas, apresentando-se recomendações para a tradução de textos do japonês para o português.

Palavras-chave: tradução japonês-português, tradução de prosa japonesa, literatura japonesa, Filologia, Crítica Textual e Tradutologia.

Abstract: The objective of this work was to identify and discuss possible differences between Yasunari Kawabata's (1968b; 1970) Japanese short story *Fushi* and its Meiko Shimon's (2002b) Portuguese translation *Imortalidade*. In order to do so, firstly a detailed study of the Japanese original was made. Then, based on this study, and taking Philology and Textual Criticism as a general reference, a rough and conservative translation, which was called here *support translation*, was written. Next, the Japanese original was contrasted with the published translation by means of the support translation. As a result, differences related to several aspects of the texts were found, e.g. differences related to the lexicon and to the Japanese honorific expressions. Finally, these differences were discussed,

and recommendations for the translation of texts from Japanese into Portuguese were presented.

Keywords: Japanese-Portuguese translation, Japanese prose translation, Japanese literature, Philology, Textual Criticism and Traductology.

Introdução

A comparação entre contos e romances japoneses e suas respectivas traduções para a língua portuguesa revela que as traduções para o português, às vezes, contêm diferenças importantes com relação aos textos originais japoneses. Um exemplo disso é o seguinte excerto de *A dançarina de Izu*, tradução de *Izu no odoriko* de Carlos Usirono (publicada em 2008 pela Estação Liberdade):

Em meio à escuridão, enquanto me aquecia com o calor do corpo do estudante a meu lado, meus olhos converteram-se em dois pequenos oceanos cercados por todos os lados pela minha face. Minha mente parecia estar se transformando em fonte de água pura que, como a vida, se derramava gota a gota. Por fim, sobrou o doce sentimento de nada mais restar (2008a, p. 59-60).

Nesse excerto, há um distanciamento claro com relação ao original de Kawabata, uma vez que tanto a imagem dos olhos tais quais “dois pequenos oceanos cercados por todos os lados pela minha face” como a analogia da água pura com a vida (“fonte de água pura que, como a vida, se derramava gota a gota”) não constam no texto original. Isso pode ser constatado a partir da observação do excerto correspondente em japonês:

真暗ななかで少年の体温に温まりながら、私は涙を出委せにしていた。頭が澄んだ水になってしまっていて、それがぼろぼろ零れ、その後には何も残らないような甘い快さだった。(KAWABATA, 1968a, p. 591).

A existência de passagens como essa permite, pois, afirmar que há casos nos quais as traduções para a língua portuguesa de textos japoneses têm se afastado dos originais. Diante disso, avalia-se que cabe ao estudante e pesquisador de língua e literatura japonesa investigar e compreender melhor os aspectos nos quais as traduções para o português têm se distanciado dos originais japoneses, a fim de que seja possível propor soluções para problemas da ordem da expressão lingüística e a fim de que se possa alertar o público especialista (tradutores em formação, tradutores, editores, pesquisadores, etc.) a respeito de opções de tradução que talvez devam ser evitadas, caso se tenha como objetivo uma maior proximidade com os textos originais japoneses.

Este trabalho apresenta justamente esse foco e tem como objetivo identificar e discutir possíveis diferenças entre o conto japonês *Fushi*, de Yasunari Kawabata (1968b; 1970)¹, e sua tradução para a língua portuguesa *Imortalidade*, de Meiko Shimon (publicada pela Estação Liberdade no ano de 2008). A seguir, os procedimentos adotados para identificar essas diferenças são expostos.

Análise da tradução pela tradução: tradução de apoio

Neste trabalho, procedeu-se, primeiro, a um estudo detalhado somente do original japonês, dando-se especial atenção às expressões de respeito japonesas, às partículas *shûjoshi* (partículas japonesas empregadas no final de sentenças/orações), às representações das linguagens feminina e masculina japonesas e às expressões de

favorecimento japonesas (*onkei no hyôgen* ou *yarimorai*). Depois, com base nesse estudo, e tendo como referência geral a Filologia e a Crítica Textual – sobretudo seus tipos de edição/reprodução/transcrição e métodos de edição e transcrição (SPINA, 1994; AZEVEDO, 1987; CAMBRAIA et al., 2001; CAMBRAIA, 2005) –, elaborou-se uma tradução bruta e conservadora de *Fushi*, na qual foram indicados por meio de um sistema de barras e letras aspectos da língua japonesa de difícil expressão no português – como os citados acima.

Essa tradução é chamada aqui de *tradução de apoio*, porque sua finalidade foi justamente servir de apoio ao contraste proposto (tratou-se de um material intermediário de análise). Quanto à sua composição, este processo teve como diretriz os critérios reunidos no quadro 1, os quais foram elaborados tendo-se como referência, principalmente, as normas de transcrição de Cambraia et al. (2001) – apesar de terem como foco a *transcrição*, e não a *tradução*, essas normas constituem um bom exemplo de orientação para um processo de decodificação de textos que é similar à tradução, sendo possível tomá-las, assim, como referência (mas não como modelo), a partir de um paralelo entre os trabalhos do filólogo e do tradutor.

<p>1. A tradução em língua portuguesa deve ser conservadora e buscar o máximo de fidelidade quanto ao texto original japonês.</p>	<p>a) /r/ – expressões de respeito (honoríficas). Por exemplo, o original japonês “新太郎さんのおうちの山林” (KAWABATA, 1968b, p. 692) deve ser traduzido como “a floresta da montanha da /r/ família /r/ do senhor Shintarô”.</p>
<p>2. A ordem japonesa dos componentes das sentenças deve ser mantida, a não ser que a manutenção dessa ordem implique em uma sentença: a) agramatical; b) ambígua; c) de difícil compreensão.</p>	<p>b) /f/ – vocabulário ou modo de falar característico de mulheres. Por exemplo, os originais japoneses “あたし” e “短いわ。”(KAWABATA, 1968b, p. 691-2) devem ser traduzidos como “/f/ Eu /f/” e “É curto /f/ /f/.” – no caso de partículas <i>shūjoshi</i>, um espaço anterior ao sinal de pontuação, e não a palavra, é que deve ser <i>cercado</i>.</p>
<p>3. Substantivos japoneses sem correspondentes no português devem ser mantidos como na língua original e apresentados em itálico, com grafia conforme o sistema Hepburn. Por exemplo: nomes de peças de vestuário japonesas (“<i>hakama</i>”, “<i>tekko</i>”, “<i>monpe</i>”, etc.).</p>	<p>c) /m/ – vocabulário ou modo de falar característico de homens. Por exemplo, o original japonês “飛びこめるんだ。”(KAWABATA, 1968b, p. 692) deve ser traduzido como “posso pular /m/ /m/.” (aqui, o uso de “ん” somado ao <i>jodōshi</i> “だ” caracteriza o modo de falar masculino no contexto de <i>Fushi</i>).</p>
<p>4. Expressões idiomáticas japonesas devem ser traduzidas literalmente, sempre que possível, e devem ser apresentadas em itálico. Por exemplo: “耳が遠い” (KAWABATA, 1968b, p. 691) deve ser traduzido como “os ouvidos estão longe” ou “os ouvidos estão distantes”.</p>	<p>d) /i/ – vocabulário ou modo de falar característico de idosos. Por exemplo, os originais japoneses “しか出来やせん” e “わし” (KAWABATA, 1968b, p. 691-2) devem ser traduzidos respectivamente como “/i/ só o que consigo fazer /i/” e “/i/ eu /i/”.</p>
<p>5. Tudo o que for somado ao texto original deve ser apresentado entre chaves. Por exemplo, o trecho “老人は田草を取る女のようなものを着ていた” (KAWABATA, 1968b, p. 691) deve ser traduzido como “O idoso, algo como [usam] as mulheres que extraem a relva dos campos de arroz vestia”.</p>	<p>e) /o/ – vocabulário ou modo de falar que expressa sentimento de ódio ou rancor do enunciator. Por exemplo, “打って来やがる” (KAWABATA, 1968b, p. 691) deve ser traduzido como “disparam /o/ na minha direção /o/”.</p>
<p>6. A estrutura original japonesa de frases e parágrafos deve ser mantida, a não ser que o conteúdo não possa ser efetivamente compreendido em língua portuguesa.</p>	<p>f) /b/ – verbos auxiliares que explicitam relações de beneficiação ou favorecimento em determinada ação ou fato (verbos <i>kureru</i> e <i>morau</i>) e seus efeitos ou implicações de sentido (expressão de respeito, educação, humildade e gratidão). Por exemplo, “思い出してくれる人” (KAWABATA, 1968b, p. 692) deve ser traduzido como “pessoa que /b/ se lembre /b/”.</p>
<p>7. A princípio, os tempos verbais originais japoneses devem ser mantidos.</p>	
<p>8. Aspectos da língua japonesa que não podem ser expressos na língua portuguesa sem alterações do sentido original devem ser indicados pelo uso de barras e letras, da seguinte forma:</p>	

Quadro 1. Critérios adotados para a elaboração da tradução de apoio de *Fushi*.

Concluída a elaboração da tradução de apoio de *Fushi*, procedeu-se ao contraste entre o original japonês e a tradução publicada em português, empregando-se a tradução desenvolvida como intermediária da análise. A seguir, as diferenças identificadas por meio desse processo são apresentadas.

Diferenças entre *Fushi* e *Imortalidade*

O contraste feito entre *Fushi* e *Imortalidade*, utilizando-se a tradução de apoio como intermediária do processo, permitiu identificar diferenças relacionadas a aspectos diversos dos textos. Nesta seção, essas diferenças são apresentadas em cinco itens: a) Léxico; b) Apagamento das relações estabelecidas por *shieki* + *ukemi* (causativa e passiva) e *kansetsu ukemi* (voz passiva indireta); c) Adição e supressão; d) Transferência e apagamento de expressões de respeito (honoríficas); e) Apagamento de variações lingüísticas.

a) Léxico

Na tradução analisada, o primeiro aspecto observado que diferencia o texto em língua portuguesa do original em língua japonesa relaciona-se ao léxico (ou escolha lexical). Em *Imortalidade*, notou-se o emprego de diferentes palavras em português para designar os personagens principais do conto, o que não acontece em *Fushi*. No texto original, Kawabata (1968b, p. 691-3) limita-se a designar os protagonistas, na voz do narrador, como “*rôjin*” e “*musume*”; já na tradução, esses personagens são designados pelo narrador ora como “homem idoso” e “jovem” (2008b, p. 462, 465), ora como “velho” e “moça” (2008b, p. 462-5). O mesmo acontece no que diz respeito às falas de Misako: no original, a personagem faz uso apenas de “*Shintarô-san*”; na tradução, todavia, são utilizados tanto “Senhor Shintaro” (2008b, p. 462) como “querido” (2008b, p. 463).

b) Apagamento das relações estabelecidas por *shieki* + *ukemi* (causativa e passiva) e *kansetsu ukemi* (voz passiva indireta)

O contraste realizado entre o original japonês e a tradução publicada, tendo-se como intermediária a tradução de apoio, eviden-

ciou também o apagamento de relações estabelecidas no original por *shieki* + *ukemi* (causativa e passiva) e *kansetsu ukemi* (voz passiva indireta). A passagem na qual o sentido expresso pela estrutura japonesa *shieki* + *ukemi*, que indica que o sujeito da oração é forçado a realizar uma ação, foi apagado é a seguinte:

E falou alto, como fazem as pessoas surdas. – Eu, dia após dia, *catei* bolas atrás desse telão! Durante dezessete longos anos! Já pensou? (2008b, p. 463, grifo nosso).

No texto original, observa-se que Shintarô não diz apenas que catou bolas dia após dia, mas que foi forçado/obrigado a fazer isso, o que evidencia a diferença apontada:

そして、つんぼの大声で、「わしは、来る日も来る日も、この金網の裏で、球を拾わせられてたんだ。十七年もの長いあいだよ。」(KAWABATA, 1968b, p. 691).

Então, com uma voz alta [característica] dos surdos, [disse]: – /i/ Eu /i/, dia após dia, atrás desta tela de arame bolas fui obrigado a recolher /m/ /m/. Um período muito longo de dezessete anos (tradução de apoio).

Além disso, há ainda uma outra diferença presente em *Imortalidade*: a relação expressa no original com o uso do *kansetsu ukemi*² (voz passiva indireta) foi perdida. Em *Fushi*, a seguinte passagem compreende o *kansetsu ukemi*, tendo como sujeito da oração Misako e como agente da ação que tem efeito indireto sobre ela Shintarô:

新太郎さんに死なれたら、新太郎さんのようにみさ子を思い出してくれる人は、この世に一人もいなくなるんだもの。(KAWABATA, 1968b, p. 692).

Na tradução de apoio, expressou-se a idéia de que a morte de Shintarô provocaria sofrimento ou dor em Misako com o uso do verbo “perder” em uma nova condicional. Assim, estão explícitas tanto a possibilidade de Shintarô morrer, como a possibilidade de Misako sofrer com sua morte:

/f/ Porque /f/, se o senhor Shintarô morrer, [se eu perdê-lo,] neste mundo não vai restar uma só pessoa que /b/ se lembre /b/ da Misako como o senhor Shintarô (tradução de apoio).

Na tradução publicada, contudo, o significado expresso pelo *kansetsu ukemi* foi eliminado, e isso consiste em outra diferença identificada em *Imortalidade* com relação a *Fushi*:

Se o senhor morrer, não terá mais ninguém neste mundo que se lembre de mim como o senhor (2008b, p. 464, grifo nosso).

Em “Se o senhor morrer”, está expressa a possibilidade da morte de Shintarô, mas não a carga de sofrimento que isso provocaria em Misako.

c) Adição e supressão

O contraste realizado evidenciou outras duas diferenças entre a tradução em língua portuguesa *Imortalidade* e o texto original japonês *Fushi*: a adição e a supressão de fragmentos ou idéias.

Um exemplo de adição que pode ser citado encontra-se na seguinte passagem de *Imortalidade*:

Caminhando em sua direção acabariam por esbarrar nele; no entanto, *enamorados que estavam*, pareciam não enxergar o telão (2008b, p. 462, grifo nosso).

Depreende-se dessa passagem uma relação de causalidade entre “enamorados que estavam” e “pareciam não enxergar o telão”, isto é, Shintarô e Misako estavam tão encantados um com o outro, tão apaixonados um pelo outro, tão “enamorados”, que eram incapazes de prestar atenção em qualquer outra coisa (assim, “pareciam não enxergar o telão”). Essa relação de causalidade expressa na tradução, contudo, constitui uma adição, uma vez que não consta no original. A seguir, a passagem correspondente de *Fushi* é apresentada:

向かって歩けばぶっつかるのに、恋人たちは金網も目につかぬようだ。(KAWABATA, 1968b, p. 691).

Caso caminhem em sua direção, colidirão, no entanto, os namorados parecem não *ter os olhos tocados* pela tela de arame (tradução de apoio).

Além de casos de adição, identificou-se em *Imortalidade* um caso de supressão. A passagem da tradução que o contém é a seguinte:

– O senhor também está morto? Desde quando? (2008b, p. 465).

Nesse caso, foi eliminada a segunda indagação que há na passagem original:

「新太郎さんも死んでいるの？ 死んでいるの？
いつ？」 (KAWABATA, 1968b, p. 693).

– O senhor Shintarô também está morto? Está morto?
Quando? (tradução de apoio).

d) Transferência e apagamento de expressões de respeito (honoríficas)

O contraste realizado entre *Fushi* e *Imortalidade*, tendo-se a tradução de apoio como ponte, evidenciou ainda a transferência e o apagamento de expressões de respeito (honoríficas). No texto original japonês, a personagem Misako faz uso de expressões que evidenciam respeito com relação a Shintarô na maior parte do conto: construção *o + dôshi (renyôkei) + ni naru* para expressar ações ou mudanças de estado de Shintarô, acréscimo de prefixos “*o*” e “*go*” em palavras que designam a família de Shintarô e o próprio Shintarô e o uso do verbo de respeito *irassharu*. Na tradução, contudo, o respeito explicitado por essas expressões ora é transferido, ora é eliminado, o que acaba por diferenciar também o texto em língua portuguesa do original japonês.

Um exemplo de transferência que pode ser citado encontra-se na seguinte fala de Misako de *Imortalidade*:

– *Senhor* Shintaro, o *senhor* também consegue atravessar o telão? (2008b, p. 462, grifo nosso).

Se, por um lado, “Senhor” corresponde a “*san*”, presente no original, “senhor” já não tem um elemento correspondente no texto japonês: trata-se de uma transferência da expressão de respeito referente à ação de Shintarô para o próprio Shintarô. Cabe notar o trecho original japonês:

「新太郎さんも金網をお通りになれたの？」(KAWABATA, 1968b, p. 691).

– O senhor Shintarô também /r/ pôde atravessar /r/ a tela de arame? (tradução de apoio).

Além disso, verificaram-se em *Imortalidade* casos nos quais as expressões de respeito do original foram apagadas. O seguinte trecho de Misako exemplifica isso:

Voltei para nossa terra natal depois de 55 anos, e o *senhor* também *voltara* (2008b, p. 463, grifo nosso).

No texto original, Misako faz uso do verbo *irassharu* (“*irashita*”), juntamente com *kaeru*, ou seja, sabendo-se que “senhor” corresponde a “*san*”, conclui-se que o sentido de respeito expresso pelo verbo foi suprimido na tradução:

あたしが五十五年ぶりで故郷に帰ると、新太郎さんも帰っていた。 (KAWABATA, 1968b, p. 692).

/f/ Eu /f/ após cinquenta e cinco anos à minha terra natal retorno e, então, o senhor Shintarô também /r/ retornou /r/ (tradução de apoio).

e) Apagamento de variações lingüísticas

Por último, observou-se em *Imortalidade* o apagamento das variações lingüísticas expressas em *Fushi*. No original, verifica-se uma estreita relação entre personagens e falas: por exemplo, no que diz respeito aos pronomes pessoais usados pelos personagens, Shintarô emprega “*washi*”, pronome característico da fala de pessoas idosas, e Misako faz uso de “*atashi*”, pronome característico da fala de mulheres (geralmente jovens). O mesmo acontece com relação ao uso dos *jodôshi*, *shûjoshi* e *kandôshi*, entre outros aspectos. Todavia, em *Imortalidade* as variações lingüísticas presentes em *Fushi* praticamente desaparecem. Tanto Shintarô como Misako empregam “eu”; parece não haver resquícios da estreita relação que existe entre personagens e falas no original... Por exemplo, em *Fushi* há a seguinte fala de Shintarô:

練習場の球拾いしか出来やせん。(KAWABATA, 1968b, p. 692).

Recolher bolas de um campo de treinamento é /i/ só o que consigo fazer /i/ (tradução de apoio).

Nessa passagem, há a representação do modo de falar dos idosos com o uso de “*dekiyasen*”, em vez de *dekimasen* ou *dekinai*. No entanto, em *Imortalidade* não há vestígios dessa representação, consistindo esse apagamento na última diferença identificada entre o original japonês e a tradução publicada:

Eu só podia trabalhar de coletor de bolas (2008b, p. 464, grifo nosso).

A seguir, as diferenças apresentadas nesta seção são discutidas.

Discussão

The basic error of the translator is that he preserves the state in which his own language happens to be instead of allowing his language to be powerfully affected by the foreign tongue. Particularly when translating from a language very remote from his own he must go back to the primal elements of language itself and penetrate to the point where work, image, and tone converge. He must expand and deepen his language by means of the foreign language (PANNWITZ apud BENJAMIN, 1992, p. 81)³.

A primeira diferença identificada entre *Fushi e Imortalidade* diz respeito ao léxico. Inicialmente, apontou-se o emprego de diferentes palavras em português para designar os personagens principais na tradução, o que não acontece em *Fushi*. Com relação a isso, é interessante observar o que coloca Newmark (1988, p. 147), referindo-se a questão semelhante, em *Approaches to translation*:

A lexical item repeated in the same or the following sentence in the source language text must be correspondingly repeated in the target language text, unless the original is poorly or loosely written. It should not be rendered the second time by a synonym or a ‘kenning’ (periphrastic expression used to replace a simple name).

Entende-se que, uma vez que em *Fushi* são empregados na voz do narrador apenas “*rôjin*” e “*musume*”, na tradução deveriam ser utilizados, igualmente, os mesmos vocábulos ao longo de todo o texto (ou “homem idoso”, ou “velho”; ou “jovem”, ou “moça”) – como acontece, por exemplo, na tradução para o inglês *Immorta-*

lity, de J. Martin Holman (1988), na qual são usados somente “*old man*” e “*girl*”. Destaca-se a importância de preservar na tradução a repetição que consta no original, tanto porque isso contribui para a manutenção do estilo do autor, de um modo geral, como porque mantém o grau de precisão lingüística aplicado por ele em sua obra⁴.

Outra diferença observada entre *Fushi* e *Imortalidade* foi o apagamento das relações estabelecidas por *shieki* + *ukemi* (causativa e passiva) e *kansetsu ukemi* (voz passiva indireta). Quanto à estrutura japonesa *shieki* + *ukemi*, destaca-se apenas que especial atenção deve ser dada a esta na tradução, a fim de que se transmita o mesmo sentido expresso no original. Já quanto ao *kansetsu ukemi*, entende-se que sua tradução seja mais complexa, talvez porque possa ser difícil equilibrar no português a ação do agente com o efeito indireto dessa ação sobre o sujeito da oração. Por exemplo, no trecho apontado em *Imortalidade*, foi feita a opção de preservar a ação de Shintarô:

Se o senhor morrer, não terá mais ninguém neste mundo que se lembre de mim como o senhor (2008b, p. 464, grifo nosso).

Já na tradução de apoio, adicionou-se uma outra condicional com o verbo “perder”, mantendo-se explícitos, assim, tanto a ação de Shintarô como o efeito dessa ação sobre Misako:

/f/ Porque /f/, se o senhor Shintarô morrer, [se eu perdê-lo,] neste mundo não vai restar uma só pessoa que /b/ se lembre /b/ da Misako como o senhor Shintarô (tradução de apoio).

Em ocorrências de *kansetsu ukemi*, considera-se a construção acima, que separa em duas orações o que no texto original japonês

está condensado em uma, a melhor alternativa para a tradução. Cabe observar uma vez mais a passagem original:

新太郎さんに死なれたら、新太郎さんのようにみさ子を思い出してくれる人は、この世に一人もいなくなるんだもの。(KAWABATA, 1968b, p. 692).

Na tradução desse trecho, uma solução seria preservar somente a ação de Shintarô, como foi feito em *Imortalidade* (“Se o senhor morrer”) – e, aí, emerge como problema o apagamento do *kan-setsu ukemi*. Outra solução seria preservar apenas o sofrimento de Misako, traduzindo o trecho grifado como “Se perder o senhor Shintarô” – mas, nesse caso, emergiria como problema a ausência da atividade de Shintarô. Por último, tem-se a solução empregada na tradução de apoio, que preserva tanto a ação de Shintarô como a carga de sofrimento de Misako. Considera-se esta a melhor alternativa de tradução, porque é a que transmite o sentido original com menos perdas em português.

Outras duas diferenças identificadas entre *Fushi e Imortalidade* foram a adição e a supressão de fragmentos ou idéias – aliás, também as diferenças apresentadas na introdução deste trabalho, com relação a *A dançarina de Izu*, consistem em exemplos de adição. Especificamente quanto a esse tipo de alteração, considera-se importante que o tradutor mantenha o foco do seu trabalho naquilo que está no texto original, evitando inserir no corpo da tradução o que apenas pode ser *interpretado* a partir do texto e evitando, ainda, extrair do corpo da tradução o que pode parecer supérfluo. Se esse princípio não for seguido, é fundamental, então, comunicar ao leitor que o trabalho sofreu modificações dessa natureza. Destaca-se também a importância de manter o diálogo com o texto original até os estágios finais de revisão e preparação do texto, a fim de que eventuais adições e supressões possam ser corrigidas antes da publicação.

Por último, as demais diferenças apontadas entre *Fushi e Imortalidade* consistem na transferência e apagamento de expressões de respeito (honoríficas) e no apagamento de variações lingüísticas. Essas duas diferenças serão discutidas juntas, porque dizem respeito a aspectos peculiares que separam a língua portuguesa da japonesa.

Na realidade, avalia-se que tanto a transferência e apagamento de expressões de respeito como o apagamento de variações lingüísticas caracterizem boa (ou grande) parte das traduções de contos e romances japoneses para o português, e não apenas *Imortalidade*. A razão disso é bastante simples: não há na língua portuguesa expressões de respeito como as japonesas, tampouco há representações escritas de variações lingüísticas que possam substituir de modo apropriado as representações japonesas. Isso leva fatalmente o tradutor a um dilema: ou ele ignora as expressões de respeito e as variações lingüísticas do japonês na elaboração do texto em português; ou ele distorce o que há no original, de modo a apresentar na tradução, por exemplo, transferências de respeito, como foi apontado neste trabalho.

Nem uma nem outra opção, contudo, são capazes de conferir à tradução uma fidelidade razoável com relação aos originais japoneses. Quando há o apagamento das expressões de respeito, emerge na tradução um achatamento das representações sociais japonesas que se dão pelo discurso, perdendo-se ainda a sinalização que há, na literatura japonesa, com o uso e interrupção do uso de expressões de respeito, de distanciamentos e aproximações nas relações humanas. De outro modo, caso as expressões de respeito aplicadas originalmente, por exemplo, às ações de um personagem sejam transferidas para o próprio personagem, tem-se uma distorção da obra. Da mesma forma, se o apagamento das variações lingüísticas japonesas implica em perda da caracterização dos personagens (aspecto importante de uma obra literária), a representação dessas variações via simulacros de representações lingüísticas brasileiras só contribui para a construção de personagens japoneses brasileiros

(personagens com posturas e ações japonesas, mas com modos de expressão brasileiros), o que provoca uma alteração mais grave do original japonês, caso se tenha como objetivo a tradução, estritamente falando.

Diante de tudo isso, entende-se que cabe ao tradutor fazer uma escolha: ou ele busca outras formas de transmitir os aspectos da língua japonesa que não têm correspondentes apropriados no português na *tradução*; ou ele abandona a idéia de fazer uma *tradução* e passa a compor uma *adaptação*. Em uma *tradução*, interpreta-se que o tradutor tem o compromisso de transmitir todo o conteúdo e forma do texto original com a menor perda possível, usando, para isso, todos os meios disponíveis, sejam estas notas de rodapé, diferentes tipos de fonte, cores ou mesmo barras e letras – não devem ser medidos esforços para levar ao leitor todos os aspectos do original, com o menor déficit possível. Já em uma *adaptação*, avalia-se que o compromisso do tradutor seja menor, e seu grau de intervenção, maior: aqui, é possível falar em alterações que tenham como objetivo a recepção do texto em outra cultura; aqui, é possível direcionar o olhar não para o original, mas para o contexto de publicação da *adaptação*. Considera-se problemática apenas a publicação de uma *adaptação* como *tradução*, porque as mudanças envolvidas no processo de adaptação de uma obra literária deixam de ser sugeridas/comunicadas ao leitor.

Considerações finais

Neste trabalho, procedeu-se à identificação e discussão de diferenças entre o conto japonês *Fushi*, de Yasunari Kawabata (1968b; 1970), e sua tradução para a língua portuguesa *Imortalidade*, de Meiko Shimon (2008b). Tendo-se como material intermediário o que se chamou aqui de *tradução de apoio*, foram identificadas diferenças relacionadas a aspectos diversos dos textos, como, por

exemplo, ao léxico e às expressões de respeito japonesas. Além disso, essas diferenças foram discutidas, apresentando-se recomendações para a tradução de textos do japonês para o português.

Por fim, alerta-se sobre a necessidade de estudar mais as traduções já publicadas em português de contos e romances japoneses, de modo a contribuir para a tradução de textos japoneses tanto enquanto ramo profissional, como enquanto área de investigação científica. O que foi apresentado neste trabalho tomou como base, principalmente, *Fushi* e sua tradução, que não constituem mais do que uma amostra extremamente diminuta da literatura japonesa e da literatura japonesa traduzida para a língua portuguesa. Portanto, há a necessidade de pesquisar mais. Ainda, chama-se a atenção para a importância de: 1) comunicar ao leitor, nas traduções, as alterações realizadas quanto ao conteúdo e forma dos originais, ainda que de maneira breve e pouco aprofundada; 2) explicitar sempre que se trata de uma *adaptação*, e não de uma *tradução*, quando o norte do trabalho do tradutor deixa de ser o original e seu contexto alienígena e passa a ser o público-leitor e seu contexto local.

Notas

1. Para este estudo, foram consultadas tanto a versão publicada no décimo quinto volume da coletânea intitulada *Kawabata Yasunari Shû* (KAWABATA, 1968b), como a versão publicada no vigésimo segundo volume da coletânea intitulada *Kawabata Yasunari Zenshû* (KAWABATA, 1970), que foi originalmente publicada no jornal *Asahi Shinbun* em 1963. Cabe notar que, embora publicadas em coletâneas diferentes, essas duas versões de *Fushi* não têm nenhuma diferença entre si, a não ser a modernização da grafia da primeira (a versão da coletânea *Kawabata Yasunari Zenshû* apresenta a grafia japonesa antiga). Ainda, cabe notar que as citações de *Fushi* apresentadas neste trabalho foram extraídas da versão modernizada (KAWABATA, 1968b).

2. A sentença que contém o *kansetsu ukemi* (*kansetsu ukemi bun*) expressa o efeito que determinado evento tem de forma indireta sobre o sujeito da oração e caracteriza-se pelo uso do *kakujoshi* “*ni*” antes do agente da ação (IORI et al., 2001).

3. As informações bibliográficas contidas no ensaio de Benjamin (1992) a respeito dessa passagem são apenas autor (PANNWITZ, Rudolf) e título do trabalho (*Die Krisis der europäischen Kultur*).

4. Aliás, cabe observar que a própria Shimon (2008, p. 14), em nota que acompanha a coletânea da qual *Imortalidade* faz parte (*Contos da palma da mão*), menciona a repetição de palavras e expressões como uma peculiaridade da linguagem de Kawabata. Contudo, embora a tradutora assinale, quanto às repetições, que tenha procurado “[...] mantê-las ao máximo, excetuando os casos em que se tornavam inaceitáveis em português”, especificamente no que diz respeito à designação dos personagens na tradução de *Fushi*, não é o que se observa (ainda que não se trate de casos cuja repetição seja inaceitável em português).

Bibliografia

AZEVEDO Filho, Leodegário Amarante de. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença/Edusp, 1987.

BENJAMIN, Walter. The task of the translator. Trad. Harry Zohn. In: SCHULTE, Rainer; BIGUENET, John (edited by). *Theories of translation: an anthology of essays from Dryden to Derrida*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992. p. 71-82.

CAMBRAIA, César Nardelli; OLIVEIRA, Gilvan Müller de; MEGALE, Heitor; MODOLO, Marcelo; FERREIRA, Permínio Souza; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida; LOBO, Tânia C. Freire; KLAMT, Valdemir. Normas para transcrição de documentos manuscritos para a História do Português do Brasil. In: MATTOS

E SILVA, Rosa Virgínia (org.). *Para a história do português brasileiro*. Vol. II, Tomo II – Primeiros Estudos. São Paulo: Humanitas, 2001. p. 553-555.

CAMBRAIA, César Nardeli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

IORI, Isao; TAKANASHI, Shino; NAKANISHI, Kumiko; YAMADA, Toshihiro. *Chujōkyū wo oshieru tame no nihongo bunpō handobukku*. Tokyo: 3A Net-towāku, 2007.

KAWABATA, Yasunari. Izu no odoriko. In: KAWABATA, Yasunari. *Kawabata Yasunari Shū*: Shinchō Nihon Bungaku 15. Tokyo: Shinchōsha, 1968a. p. 575-591.

KAWABATA, Yasunari. Fushi. In: KAWABATA, Yasunari. *Kawabata Yasunari Shū*: Shinchō Nihon Bungaku 15. Tokyo: Shinchōsha, 1968b. p. 691-693.

KAWABATA, Yasunari. Fushi (Asahi Shinbun PR Ban). In: KAWABATA, Yasunari. *Kawabata Yasunari Zenshū*: Dai Jū Ni Kan. Tokyo: Shinchōsha, 1970. p. 248-251.

KAWABATA, Yasunari. Immortality. Trad. J. Martin Holman. In: KAWABATA, Yasunari. *Palm-of-the-Hand Stories*. Trad. Lane Dunlop e J. Martin Holman. Tokyo: Tuttle Publishing, 1988. p. 212-215.

KAWABATA, Yasunari. *A dançarina de Izu*. Trad. Carlos Hiroshi Usirono. São Paulo: Estação Liberdade, 2008a.

KAWABATA, Yasunari. Imortalidade. Trad. Meiko Shimon. In: KAWABATA, Yasunari. Trad. Meiko Shimon. *Contos da palma da mão*. São Paulo: Estação Liberdade, 2008b. p. 462-465.

NEWMARK, Peter. *Approaches to translation*. Cambridge: Prentice Hall, 1988.

SHIMON, Meiko. Nota da tradutora. In: KAWABATA, Yasunari. Trad. Meiko Shimon. *Contos da palma da mão*. São Paulo: Estação Liberdade, 2008. p. 13-15.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2.ed. São Paulo: Ars Poetica/Edusp, 1994.

